



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69
2017

ENCONTRO
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

VESTÍGIOS DA PRODUÇÃO DE CERÂMICA NO LADO OCIDENTAL DE LISBOA DURANTE OS SÉCULOS XVII E XVIII – DADOS DE UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA DE BUENOS AIRES, N^o 10, LISBOA

Guilherme Cardoso¹, Nuno Neto², Luísa Batalha³, Paulo Rebelo², Raquel Santos²

¹ Assembleia Distrital de Lisboa / gijpcardoso@gmail.com

² Neoépica Lda. / neoepica@gmail.com

³ Arqueóloga / luisabatalha2@gmail.com

Resumo

Aborda-se neste artigo um conjunto de rejeitados de produção de azulejos e de louça fosca vermelha que foi utilizada na produção do vidro para olaria de faiança na cidade de Lisboa durante os séculos XVII e inícios do XVIII.

Palavras-chave: Faiança, Azulejos, Louça fosca, Rejeitados.

Abstract

In this paper we present a series of rejected tiles and red earthenware fragments which were used for faience glazing in the city of Lisbon during the 17th and early 18th centuries.*

Keywords: Earthenware, Tiles, Matte dishes, Rejected.

* Agradecemos à Dr.ª Maria Empis a tradução.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados na sequência da reabilitação e ampliação do nº 10 da Rua de Buenos Aires em Lisboa, pela empresa de Arqueologia Neoépica, Lda, mereceram até ao momento duas publicações sobre o assunto (Batalha *et alii*, 2012; *idem*, 2014); nas quais se referem a escavação e estudos parciais das produções e dos métodos de fabrico de faiança.

No decurso da intervenção, entre outros vestígios contemporâneos ao edifício existente, identificaram-se três fossas de forma oval, alongada, escavadas no substrato geológico, que terão funcionado como áreas de extracção de argila para a produção de faiança. À época do seu funcionamento, as posturas camarárias exigiam que, após a sua abertura, estas “galerias” fossem fechadas, sendo as mesmas utilizadas pelos oleiros como lixeiras, onde eram depositados essencialmente os recipientes defeituosos, pelo que, todas as peças que apresentamos provêm das referidas bolsas.

2. AS PRODUÇÕES

Encontram-se já publicados em actas de congressos da especialidade, dois artigos sobre os achados da rua de Buenos Aires, nos quais se privilegia o estudo das produções de faiança, ficando por descrever a cerâmica fosca vermelha e os azulejos.

A quase totalidade das seis centenas de fragmentos de louça fosca identificados, apresenta um granulado fino, aglutinado às paredes interiores dos recipientes e que seria utilizado na mistura do esmalte de vidragem, facto confirmado por uma análise efectuada no antigo laboratório do Instituto de Tecnologia Nuclear (Batalha *et alii*, 2012, 394, fig. 11). Esta técnica de tratamento dos óxidos de chumbo, misturados com areia siliciosa e a sua inserção em recipientes de cerâmica fosca posteriormente levados ao forno para cozer a mistura, foi igualmente registada por Jacinta Bugalhão e Deolinda Folgado, no caso da olaria do Mandarin Chinês, onde se recolheram diversos recipientes cobertos do referido

granulado, conjuntamente a produções dos séculos XI e XII (Bugalhão e Folgado, 2001, 119, fig. 10).

Salvas raras excepções, a quase totalidade dos fragmentos pertence a caçoulas e painéis, o que é justificado através da utilização a que se destinavam, dado que a aplicação do vidro foi posteriormente usado de forma intensiva para a esmaltagem das faianças.

Fragmentos deformados e colados entre si, bem como parte do composto granulado, fino, transformado em vidro no bordo de algumas peças de louça fosca, confirmam que estas peças eram colocadas no interior do forno de cocção, sujeitas a elevadas temperaturas, levando a que as mesmas se fundissem, sendo o resultado final uma amálgama de objectos sem funcionalidade.

Por outro lado, a não separação de rejeitados entre faianças e azulejos, leva-nos a concluir que as duas produções podiam fazer-se nas mesmas olarias. Isto, pelo tipo de barro branco ser o mesmo aplicado nas duas produções, tal como os esmaltes de vidragem.

Na actualidade, nas oficinas tradicionais, continua a existir uma tendência para se fazerem ambas as produções, faianças e azulejos, embora conheçamos alguns ateliês que se dedicam unicamente à produção de azulejo. A justificação é simples: os serventes que se dedicam a modelar os ladrilhos e a vidrá-los, conseguem produzir grandes quantidades, enquanto os pintores de azulejos necessitam de mais tempo para o desenho das produções manuais. Assim, no compasso de espera, é habitual os serventes produzirem outras variedades de peças, evitando os tempos mortos.

3. AZULEJOS

Quanto à análise dos azulejos, observámos que os fragmentos de ladrilhos em chacota, defeituosos, eram em número elevado, pesando mais de 200 kg, provindo quase na sua totalidade da fossa 0. Em comparação, o número de fragmentos de azulejos já vidrados é bem mais modesto. O mesmo caso se verificou para as produções de Alenquer, onde foi

usada a técnica das duas cozeduras: a primeira para cozer a argila e uma segunda para vidrar a peça, evitando assim a grande perda de vidro com uma só cozedura (Cardoso *et alii*, 2016, 57 e 58).

Verifica-se que as pastas utilizadas na produção dos azulejos são as mesmas do fabrico das faianças, apresentando variação cromática entre o branco amarelado (Munsell 2.5Y8/3) e o rosa claro (Munsell 5YR8/4), enquanto nas peças em chacota se registam algumas pastas vermelhas (Munsell 2.5YR5-6/8). Observamos ainda que grande quantidade de faiança foi rejeitada, dado que a cor das pastas afectava a qualidade dos vidrados, certamente, devido à mistura de argila branca com vermelha. É nítida uma proveniência de argilas de barreiros constituídos por bolsas de barro branco, em contacto com outras de barro vermelho, fenómeno tão característico dos locais de extracção de barro da região de Lisboa.

As pastas apresentam fractura irregular, granulosa, fina, por vezes com aspecto foliáceo, raros vacúolos devido a deficiente amassadura.

Os azulejos, de pasta mais clara, não apresentam quartzo, salvo raras excepções e a mica é rara e muito fina, sendo habituais os nódulos redondos ou laminares de óxido de ferro vermelho, muito duro. Por sua vez, as mais rosadas contêm minúsculos grãos de quartzo que lhe conferem um aspecto vítreo.

Quanto ao vidrado, os azulejos apresentam o característico vidrado estanífero, ostentando um brilho lustroso proveniente da adição de uma pequena percentagem de óxido plumbífero.

A maioria das peças analisadas ofereceu superfícies com abundantes deposições de calcário, devido ao meio que as envolveu desde que ali foram depositadas.

Os motivos pintados podem ser policromados ou apenas a azul e branco, ambos característicos do século XVII ou inícios do XVIII. Para facilitar a sua descrição, seguimos a tipologia (da gramática decorativa) apresentada por Santos Simões, no *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, Tomo I, de 1971.

Recolheram-se bordaduras de guarnição de tapetes, do tipo B-2 (fig. 3, nº 1) e B-15 (fig. 3, nºs 2 e 3).

A última encontra-se datada entre 1634 e 1670.

Existem fragmentos de frisos de guarnição de tapetes, tipos: F-2 (fig. 3, nº 2), F-8 (fig. 3, nº 5), F-14 (fig. 3, nº 6) e F-30 (fig. 3, nº 7.). Existem tipos de frisos semelhantes a F-28 e F-43.

Para as barras de guarnição de tapetes temos os tipos: B-19 (fig. 3, nº 8), com produção por volta de 1634, B-20 (fig. 3, nº 9), B-33/34 (fig. 3, nºs 3 10) e B-38 (fig. 3, nº 11), este datável da 2ª metade do século XVII.

No caso das cercaduras de guarnição de tapetes, temos dois modelos muito comuns C-67 e C-71.

Entre os padrões de módulos temos o tipo P-26, que copia modelo de Talavera (Espanha). Aparece também uma variante muito comum, o P-101 (fig. 3, nº 12), datável entre 1637 e 1660; o P-132, com a maçaroca só em azul (fig. 3, nº 13); o padrão tardio P-356 (fig. 3, nº 14), produzido por volta de 1670; o tipo P-370 (fig. 3, nº 15), datável entre o 2º e o 3º quartel do século XVII. Entre os módulos maiores temos os 6x6, P-604/609 (fig. 3, nºs 16-19), datável entre 1630 e 1700, e o constituído por 12x12 azulejos, tipo P-999 (fig. 3, nºs 20-24), datados entre 1622 e o 3º quartel do século XVII.

3.1. Louça com vidrado plumbífero

Por se tratarem de lixos domésticos, poucos são os fragmentos de louça de barro vermelho que apresentam vidrado. Apenas observámos três tipos de peças: potes, potinhos e alguidares. Os vidrados transparentes ou translúcidos mostram tonalidades de cor de mel ou verdes.

4. LOUÇA FOSCA¹

Os fragmentos de louça fosca são constituídos fundamentalmente por çaçoulas, painéis, potes, ta-

¹ Utilizamos para as cerâmicas de barro vermelho ou branco, quando não vidrada, o termo de "louça fosca" ou "cerâmica fosca" por ser assim conhecida pelos oleiros tradicionais (FERNANDES, 1999, p. 337); CARNEIRO, 1989, 7). O termo "cerâmica comum", que outros arqueólogos empregam para definir a "cerâmica fosca", de barro vermelho ou branco, é utilizado por nós exclusivamente nos estudos de cerâmica do período Romano.

lhas, bilhas, cântaros, púcaras, fogareiros, alguidares e vasos de casa, fabricados com barro vermelho e recuperados nas bolsas de rejeitados. Em louça fosca branca, somente se recuperaram fragmentos das alfaias usadas na produção da louça vidrada, como trempes, caixas de vidragem e cravilhos (Batalha *et alii*, 2014).

4.1. Caçoulas ou tachos

Trata-se de um conjunto de formas que se tornam difíceis de definir quanto à sua utilização diária. Neste caso, ao que parece, a boca, larga, era ideal para a secagem da areia siliciosa no forno, a fim de ser usada no fabrico do vidro para aplicação na faiança e nos azulejos.

As caçoulas ou tachos apresentam habitualmente um lábio espessado, secção circular, seguido de uma canelura e duas pegas triangulares arrancando do bordo (fig. 6, n.ºs 1-5).

As caçoulas n.ºs 1 e 2 (fig. 6), apresentam paralelos em Setúbal, em contextos do século XVI, posteriores a 1531, (Tavares da Silva *et alii*, 2005/07, p. 89, fig. 15, n.º 4), e no poço do Vale de Alcântara, nos finais do século XVII inícios do XVIII (Batalha e Cardoso, 2013, Est. 11, 74). Ainda em Setúbal, as peças com os n.ºs 3-5 (fig. 6), encontram paralelos, em níveis dos finais do século XVI inícios do XVII (Soares *et alii*, 2010, p. 176, fig. 16, n.º 1), bem como em camadas associadas ao sismo de 1531, num nível de regularização do século XVIII (Tavares da Silva *et alii*, 2005/07, p. 89, fig. 15, nos 5-6). Em Cascais, também apareceram em contextos do final do século XVI, inícios do XVII, sob a forma de frigideira e caçoulas (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195, n.ºs 31, 32 e 33). Podemos observar estes modelos em peças exumadas no poço do Vale de Alcântara, datadas de finais do século XVII e início do XVIII (Batalha e Cardoso, 2013, Est. 11, 83)

Quanto à forma de caçoula de bordo perlado, com canelura vincada abaixo do lábio e pegas horizontais (fig. 6, n.ºs 6-10), é um modelo comum em cronologias de finais do século XVI (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195, n.º 30), aparecendo no Convento Dominicano da Serra de Montejunto até aos

meados do século XVIII (Cardoso, 2009, n.º 67). Esta forma com asas verticais foi registada em contentores de fogo ou fogareiros, usados em Cascais durante o final do século XVI - XVII (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196, n.º 36 e 37). Apareceram também no Poço do Vale de Alcântara, datadas entre os finais do século XVII inícios do XVIII (Batalha e Cardoso, 2013, Est. 11, 81).

Para a caçoula de bordo canelado (fig. 6, n.º 11) temos paralelos em Setúbal, onde foram recolhidas em níveis dos finais do século XVI inícios do XVII (Soares *et alii*, 2010, p. 176, fig. 16, n.º 3).

4.2. Painelas

Painela de sumicha ou painelas de lábio curto, sem colo e corpo esférico (fig. 7, n.ºs 1 e 2), serviam para fazer arroze à lareira bem como compotas (Ribeiro, 1984, p. 48-50, fig. 20). Trata-se de uma forma arcaica, muitas vezes confundida com a púcara. No antigo Convento Dominicano da Serra de Montejunto, foi recolhido um significativo conjunto de fragmentos desta forma de painela, certamente usado para a confecção de compotas (Cardoso 2009, n.ºs 94-103).

As painelas com bordo em aba e colo troncocónico (fig. 7, n.ºs 4-7 e 10) são formas de cariz arcaico. Em Cascais foram identificadas em contextos a partir dos séculos XIV – XV, apresentando caneluras no colo (Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 575, n.ºs 5-8), perdurando durante o 2º e o 3º quartel de quinhentos (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195 e 201, n.ºs 16 e 17). Ainda dentro da evolução das painelas com este colo, aba curta, descaída, temos como paralelo, um exemplar proveniente do Palácio Pragana, Almada, datado por Armando Sabrosa da centúria de quinhentos (Sabrosa, 1994, p. 39, n.º 6), o mesmo se verificando para Palmela (Fernandes e Carvalho, 2003, p. 233, n.ºs 24-26). Em Setúbal apareceram em níveis dos finais do século XVI inícios do XVII (Soares *et alii*, 2010, p. 176, fig. 16, n.º 4). Um bom paralelo para esta forma encontra-se num exemplar recolhido no antigo convento de N.ª Sr.ª da Piedade, em Cascais, e que, exumado num estrato de lixeira, oferece uma cronologia do primeiro quartel

do século XVII (Cardoso e Rodrigues, 2002, n.º 6).

Em Lisboa, na área da antiga quinta de Vila Pouca, encontraram-se no meio das terras que entulharam um poço, vários fragmentos de painéis deste tipo e que foram datados dos finais do século XVII inícios do XVIII (Batalha e Cardoso, 2013, Est. 10, 68-73).

Proveniente do antigo Convento Dominicano da Serra de Montejunto, é um conjunto de fragmentos desta forma de painél que se pode datar entre 1721 e 1765 (Cardoso, 2009, p. 53 e 81, n.ºs 73-77).

Também noutras zonas da capital é abundante este tipo de painél que A. D. Diogo e L. Trindade recolheram em estratos que datam da época e posteriores ao terramoto de 1755 (Trindade e Diogo, 1997, p. 67, n.ºs 4-8; 2003, p. 287, n.ºs 1-3 e 25). No entanto, existe um caso em que têm dúvidas quanto à datação, visto os materiais terem sido recolhidos em contextos datados “...entre os séculos XVI e meados do XVIII. Infelizmente a grande maioria dos fragmentos foi recolhido, já descontextualizado, nos entulhos de obra...” (Diogo e Trindade, 2003, p. 205, n.ºs 27 e 28).

4.3. Atanores

Trata-se de uma forma bojuda, bordo triangular e colo praticamente inexistente. São habitualmente consideradas painéis, mas na realidade trata-se de atanores (fig. 7, n.ºs 8 e 9), ou potes para água (Ribeiro, 1984, p. 39 e 40, fig. 11; Sequeira, 1933, 11). Coexistem habitualmente com as painéis de bordo em aba curta, pelo que as datamos do mesmo período.

4.4. Potes

O pequeno fragmento de bordo de pote, canelado, de cerâmica fosca (fig. 7, nº 12) pode aparecer também vidrado a verde, exteriormente e a melado no seu interior. Foscos e vidrados recolheram-se em Cascais, em estratos da segunda metade do século XVI e durante os inícios do século XVII (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196, nº 76; idem, 2002, nºs 30 e o 36), bem como no poço dos Paços do

Concelho de Torres Vedras, em camadas datadas igualmente do século XVII (Luna e Cardoso, 2006, p. 100, nºs 41 e 42).

4.5. Alguidares

Ambos os fragmentos recolhidos são de reduzidas dimensões, apresentando um pequeno bordo em aba (fig. 7, nºs 13 e 14). A datação para este tipo de peças é bastante lata, fabricando-se ainda hoje em vários centros oleiros nacionais.

5. CONCLUSÕES

Confirma-se mais uma vez que os fragmentos de peças cerâmicas recolhidos nas fossas da Rua de Buenos Aires são constituídos por rejeitados de produção ou alfaia (louça fosca), utilizados nas olarias que fabricavam azulejos e faianças.

Note-se, que a louça fosca, ao contrário do que se pensava, tem um largo espectro cronológico, embora no grosso do conjunto não fugisse muito às datações propostas para os azulejos e faianças, ou seja, o século XVII inícios do XVIII. É comum este tipo de fossas na cidade de Lisboa mas, até ao momento, a sua análise não tem tido grande divulgação nos meios científicos. Cabe-nos aqui registar, que nos inícios dos anos 90 do século passado, conjuntamente com Severino Rodrigues, observámos uma lixeira de rejeitados de cerâmica de uma olaria do século XX, na Rua dos Jerónimos, em Lisboa, numa antiga pedreira, frente ao campo de futebol do Belenenses.

BIBLIOGRAFIA

BATALHA, Luísa; CAMPÔA, Andreia; CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel (2012) – «Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII: dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, nº 10, Lisboa». André Teixeira e José António Bettencourt (coord.), Velhos e Novos Mundos Estudos de Arqueologia Moderna – Old And New Worlds Studies on Early Modern Archaeology, *ArqueoArte*, nº 1, vol. 2, Lisboa, pp. 951-962.

BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme (2013) – «Poço seicentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa)». *EMERITA*

- *Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, 1, Oeiras, pp. 113-140.
- BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel (2014) – «Portuguese faience found at Buenos Aires Street 10 pits – Lisbon (17th – 18th centuries)». *Actas do 1º Congresso Internacional de Faiança Portuguesa no Mundo*, Lisboa. No prelo.
- BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2001) – «O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira». *Arqueologia Medieval*, 7, Campo Arqueológico de Mértola, p. 111-145.
- CARDOSO, Guilherme (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval), *Actas do 1º Encontro de Cultura e Património do Cadaval*, pp. 43-82, Câmara Municipal do Cadaval, Cadaval.
- CARDOSO, Guilherme; CABRAL, João; ENCARNAÇÃO, José d' (2009) – «Sondagens arqueológicas no palácio dos Condes da Guarda». Carvalho, A., e Santos, C. (coord.) *A casa dos azulejos de Cascais de palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*, Cascais, pp. 200-241.
- CARDOSO, Guilherme; GOMES, José Fernandes; RODRIGUES, Severino; BATALHA, Luísa (2016) – «Produção oleira renascentista na bacia hidrográfica do baixo Tejo: A produção de cerâmicas vidradas em Alenquer». *Al-madan online*, II Série, 20, Tomo 2, Almada, pp. 54-63.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1991) – «Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais». *Actas do Congresso A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa 12-22 Novembro 1987, Mértola, pp. 575-585.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1999) – «Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVIII e XIX encontradas em Cascais». *Arqueologia Medieval*, nº 6, Porto, pp. 193-212.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2002) – «Conjunto de Peças de Cerâmica do Século XVII do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade de Cascais». *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana*, Almada, pp. 269-288.
- CARNEIRO, Eugénio Lapa (1989) – *Encrespado técnica de decoração cerâmica*, Fichas de Olaria, 3, Museu de Olaria, Barcelos.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1995) – «Duas intervenções arqueológicas em Lisboa (Rua da Madalena e Rua do Ouro)». *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 2, pp. 63-74.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (2003) – «Cerâmicas de barros vermelhos da intervenção arqueológica na Calçada de São Lourenço, nºs 17/19, em Lisboa». ABRAÇOS, Hélder, e DIOGO, João Manuel (coord.), *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, pp. 203-213.
- FERNANDES, Isabel C. F.; CARVALHO, A. Rafael (2003) – «A loiça seiscentista do convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela)». ABRAÇOS, Hélder, e DIOGO, João Manuel (coord.), *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, pp. 231-252.
- FERNANDES, Isabel Maria (1999) – «La loza negra en Portugal: algunos apuntes», *Estudis arqueològics i arqueomètrics – 4t Congrés europeu sobre ceràmica antiga*, Andorra, pp. 331-341.
- LUNA, Isabel; CARDOSO, Guilherme (2006) – «Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras». *Actas do 3º Seminário do Património da Região do Oeste*, Cadaval, 26, 27 e 28 de Novembro de 2004. Cadaval, pp. 99-112.
- MECO, José (1989) – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa.
- RIBEIRO, Margarida (1984) – «Olaria de uso doméstico na arquitectura conventual do século XVI». *Cadernos de Etnologia*, 1, Montemor-o-Novo.
- SABROSA, Armando (1994) – «Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana». *Al-madan*, II Série, 3, Almada, pp. 38-44.
- SEQUEIRA, G. de Matos (1933) – *Depois do terramoto subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. IV, Lisboa.
- SIMÕES, J. M. dos Santos (1971) – *Corpus da Azulejaria Portuguesa: Azulejo em Portugal do século XVII*, Tomo I – Tipologia, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- SOARES, Joaquina; DUARTE, Susana; TAVARES DA SILVA, Carlos (2005/07) – «Sismos e arqueologia urbana intervenção arqueológica na Rua Augusto Cardoso, nº. 69, Setúbal». *Musa*, 2, Setúbal, pp. 83-102.
- TAVARES DA SILVA Carlos; SOARES, Joaquina; COELHO-SOARES, Antónia; DUARTE, Susana; GODINHO, Ricardo Miguel (2010) – «Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo», nºs. 10-12. *Musa*, 3, Setúbal, pp. 165-178.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias (1997) – «Intervenção arqueológica na Travessa da Madalena, n.º 18 (Lisboa)». *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 3, pp. 67-80
- TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias (2003) – «Cerâmicas de barros vermelhos de entulhos do terramoto de 1755 provenientes da sondagem 14 da Rua dos Correiros, em Lisboa». ABRAÇOS, Hélder, e DIOGO, João Manuel (coord.), *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, pp. 285-293.

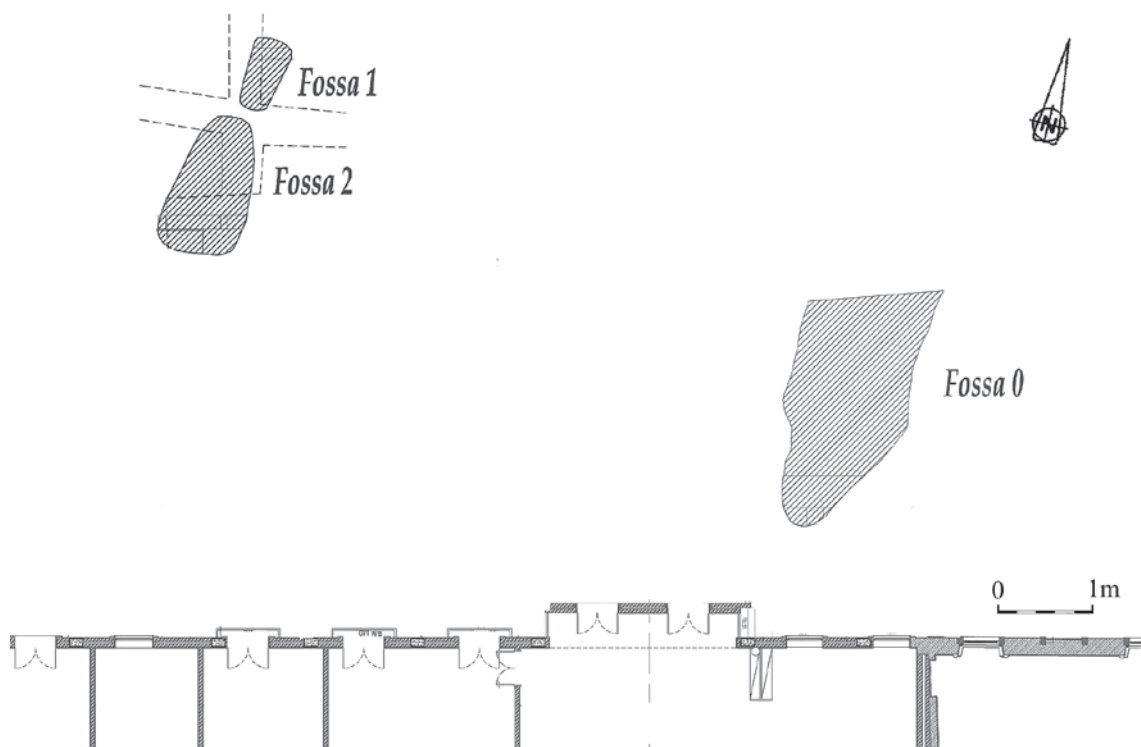


Figura 1 – Planta de localização das fossas de rejeitados, identificadas no jardim do antigo edifício do “Palacete dos Viscondes dos Olivais”.

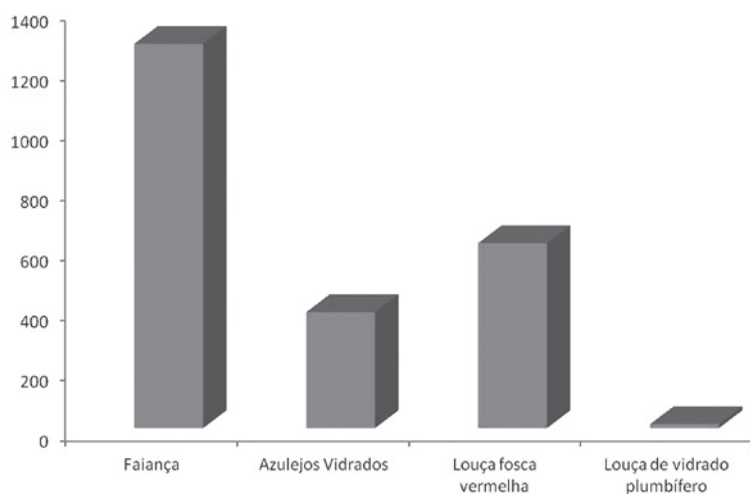


Figura 2 – Gráfico de quantidades de fragmentos de refugio.

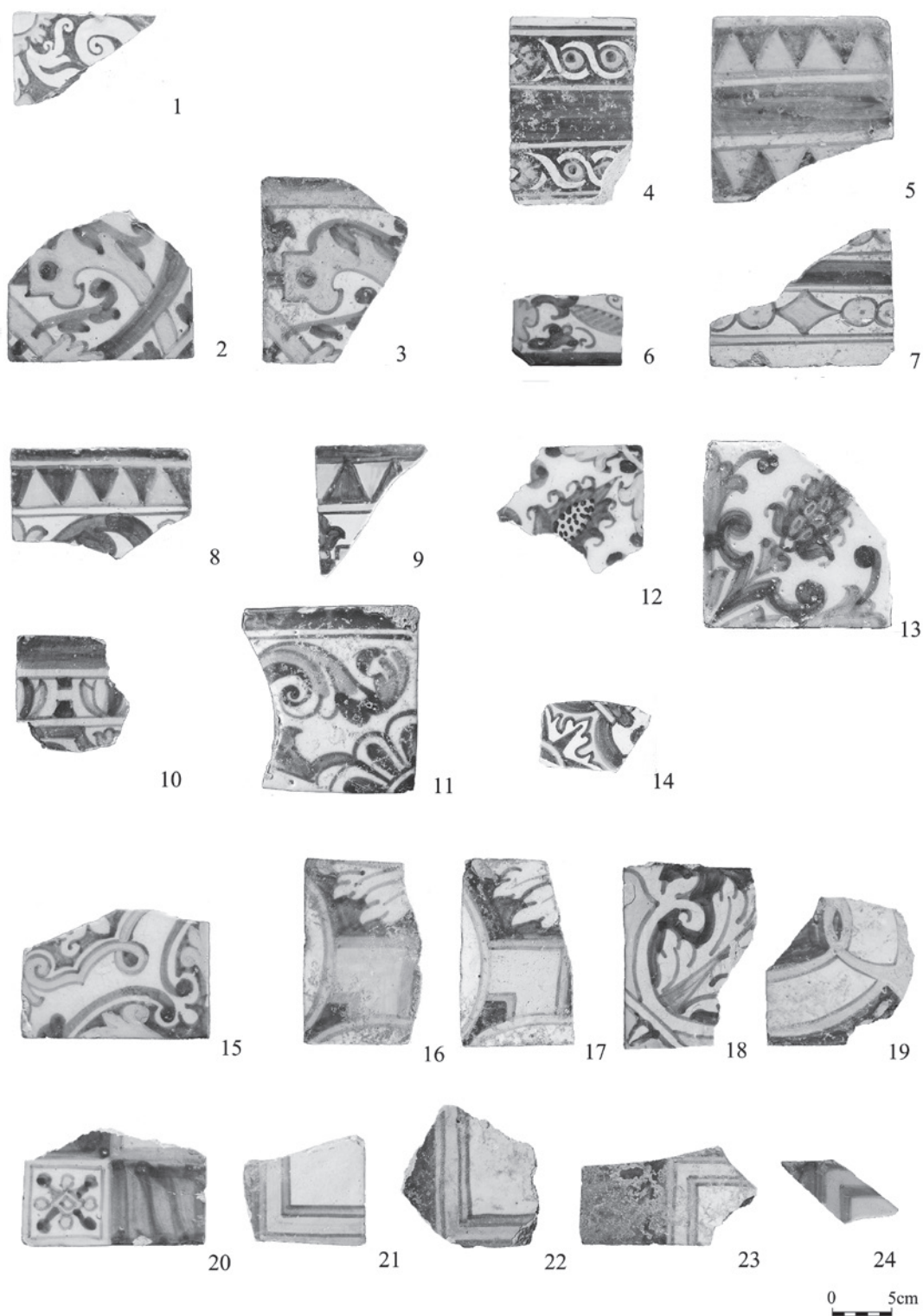


Figura 3 – Fragmentos de refugo de azulejos policromado recolhidos nas bolsas de rejeitados.

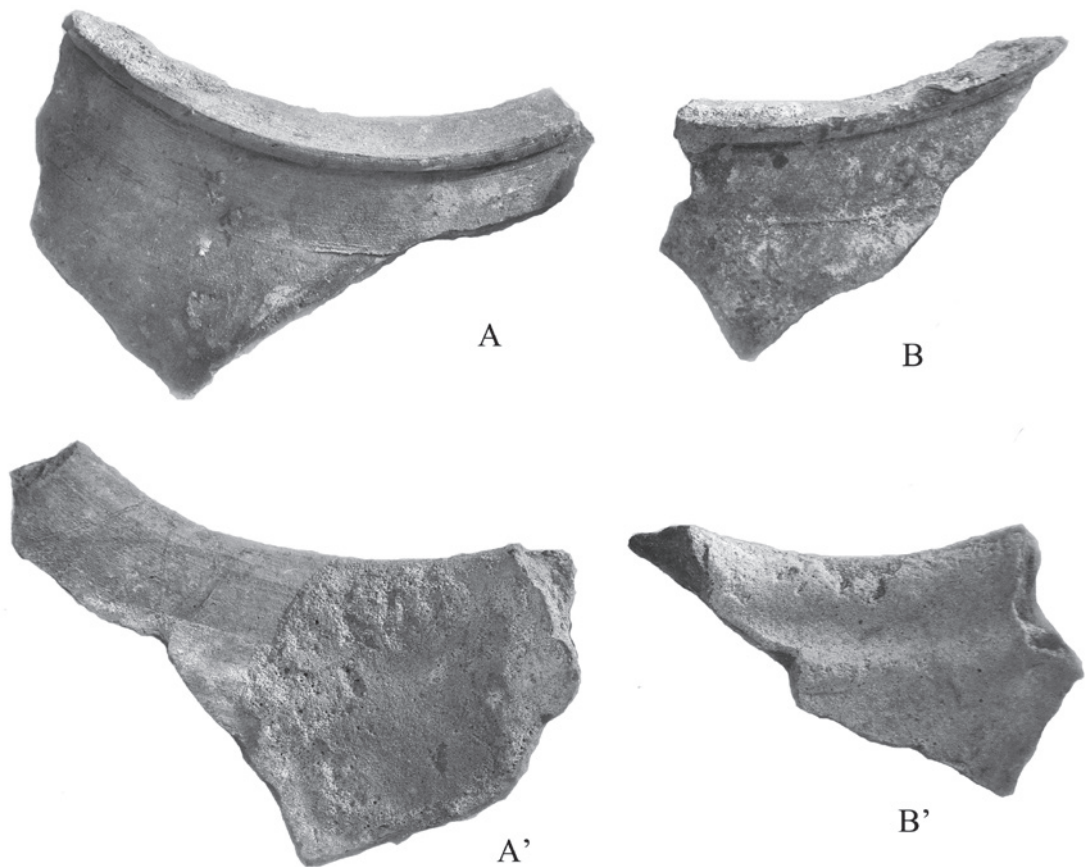


Figura 4 – Fragmentos de painéis de bordo em aba curta (A e B), com vestígios de um granulado fino colado às paredes internas (A' e B').

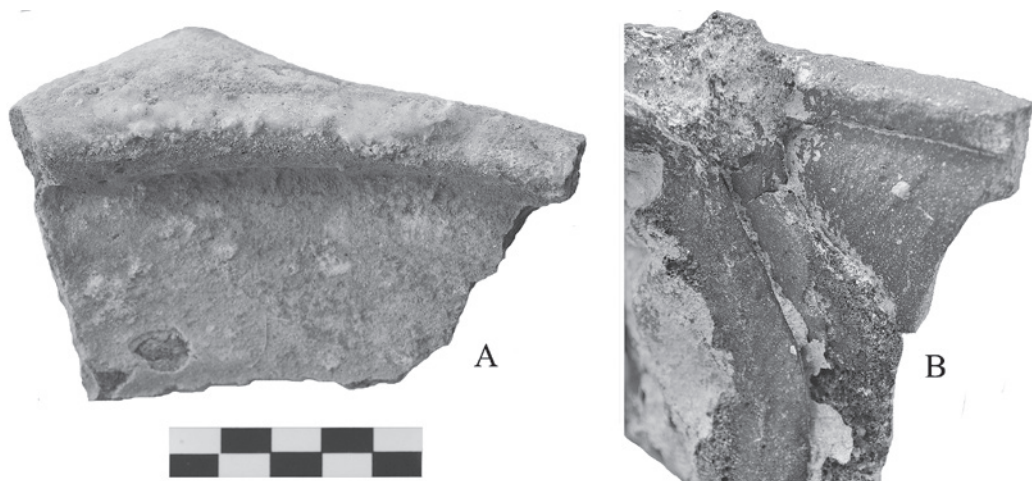


Figura 5 – A, fragmento de caçoula com vestígios de um granulado fino colado à parede interna que junto ao bordo já se encontra vitrificado. B, fragmentos de caçoulas sobreaquecidas o que provocou a fusão das suas paredes.

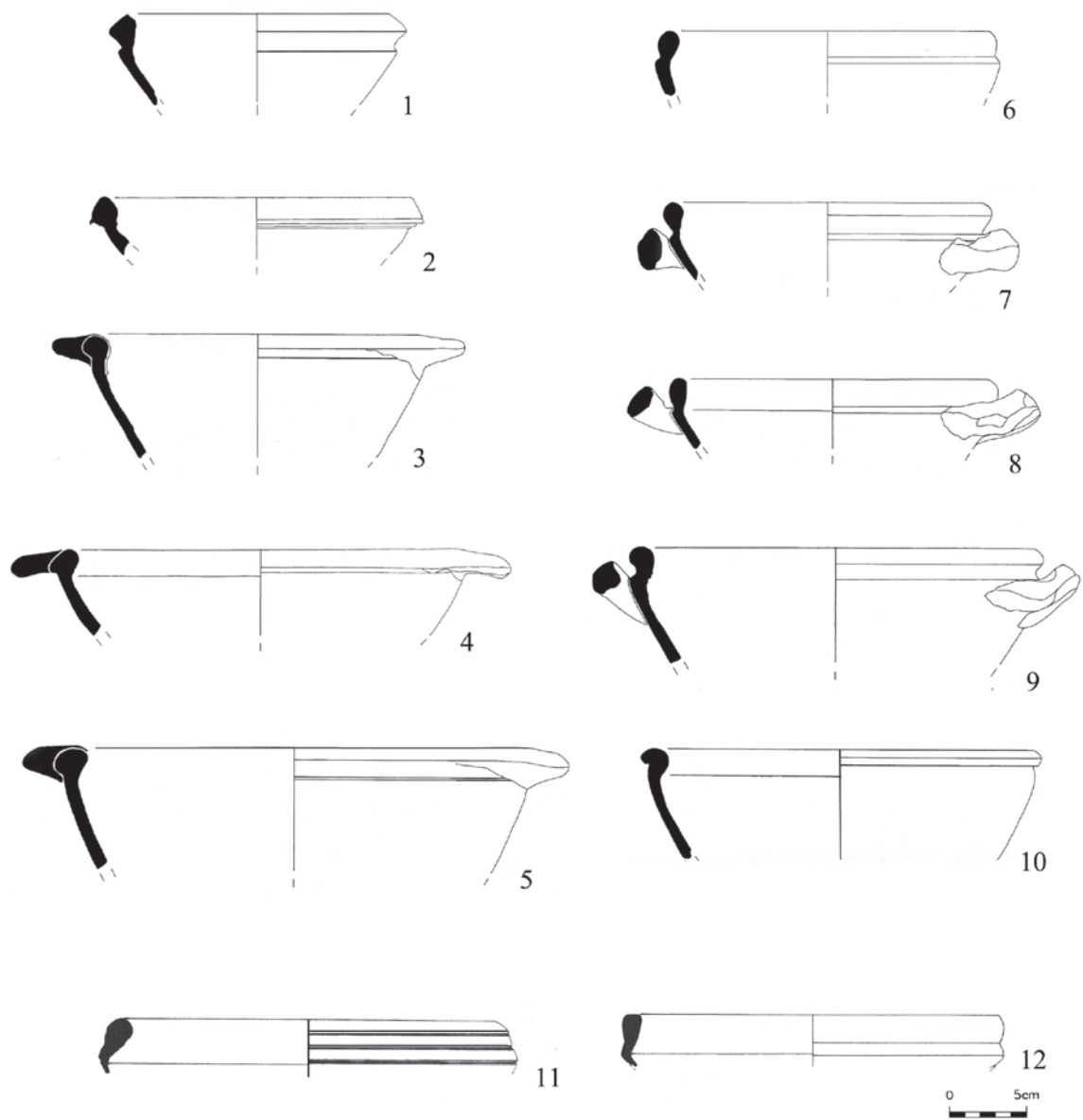


Figura 6 – Fragmentos de louça fosca de pasta vermelha. Caçoulas ou tachos.

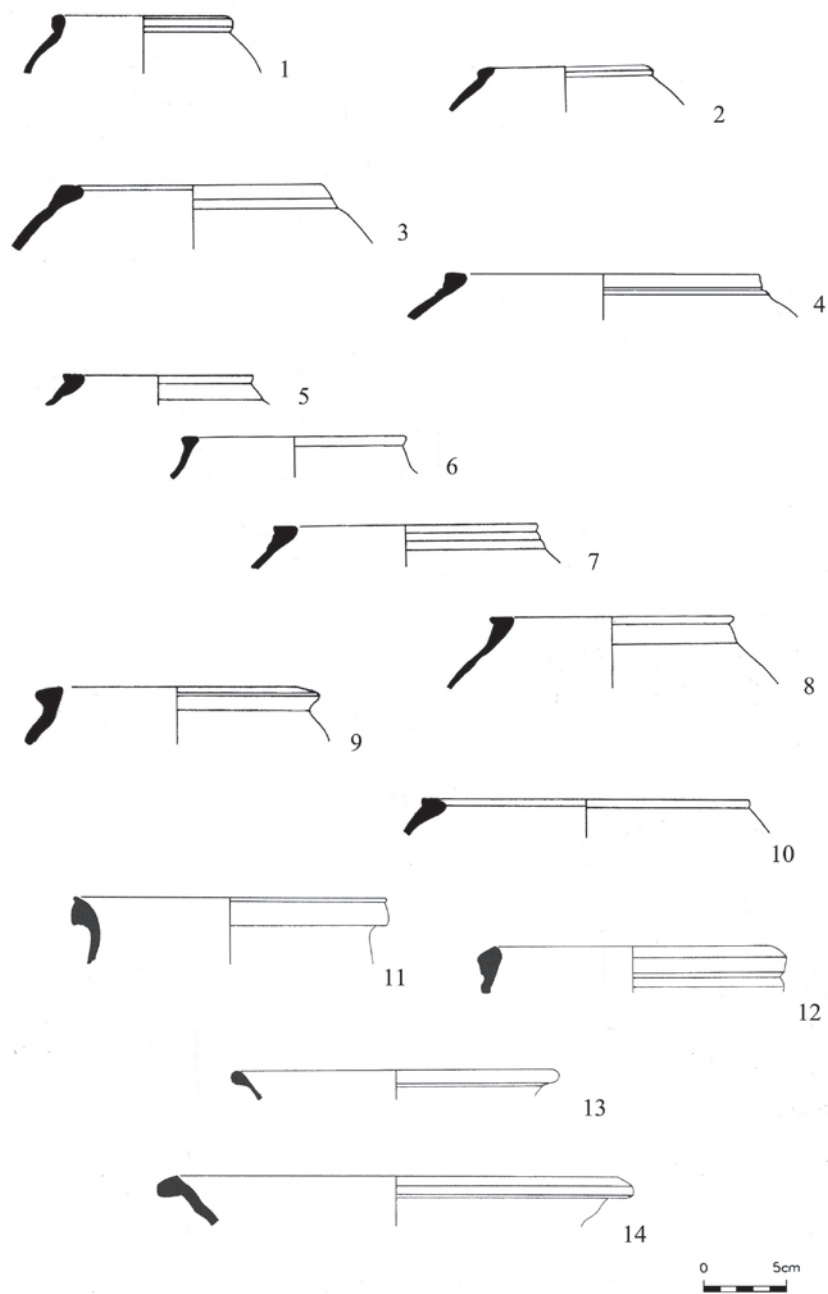


Figura 7 – Fragmentos de louça fosca de pasta vermelha. 1 e 2, panelas de sumicha; 3 e 4, atanores; 5-10, panelas; 11 e 12, potes; 13 e 14, alguidares.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2019

www.arqueologos.pt